

Penna garante: o Brasil renegocia juro da dívida

O ministro da Indústria e do Comércio, João Camilo Penna, disse ontem, ao empregar o novo diretor da Beflex, Roberto Lincoln Lemos de Mattos, que o Brasil vai renegociar os prazos e os juros de sua dívida externa. Só não informou quando o País entrará com o pedido oficial aos bancos credores internacionais. O ministro foi enfático: "Temos confiança que é necessário. Se é necessário, vai acontecer".

Para o Brasil continuar obtendo crédito no mercado internacional, é necessário atingir um superávit de 9 bilhões de dólares, neste ano. Segundo o ministro Penna, a renegociação da dívida brasileira vai exigir que o País continue com bons saldos em sua balança comercial, e que um dos mecanismos mais eficientes é através do Beflex (Comissão para Concessão de Benefícios Fiscais a Programas Especiais de Exportação).

O País tem que continuar obtendo superávits, explicou o ministro Penna, porque quando reiniciar o crescimento interno, o Brasil vai ter de aumentar suas importações, com a conseqüente elevação das exportações. Esse no entender do ministro, "é que é o ponto", primordial.

O ministro Penna chamou a atenção dos exportadores, e afirmou que "ninguém deve adotar o comodismo de querer exportar só commodities", por achar que o fundamental é exportar produtos manufaturados. A Beflex, explicou, é um "instrumento fabuloso," porque vai permitir importar matéria-prima e componentes, assim como máquinas para modernizar o parque indus-

trial do País.

O ministro não quis revelar quando o País entrará com o pedido oficial aos credores internacionais, argumentando apenas ter a certeza que a dívida será renegociada. O deputado Paulo Lustosa (PDS/CE), afirmou, entretanto, que o débito externo só deverá ser renegociado quando o vice-presidente Aureliano Chaves assumir a presidência da República.

OCUPAR ESPAÇO

O programa Beflex, que atualmente tem compromissos no valor de US\$ 72 bilhões, atendia somente às grandes empresas. Agora, segundo o ministro Penna, as indústrias de grande porte já estão na Beflex. Por essa razão, serão aprovados a partir de agora os projetos das pequenas e médias empresas. Esse, inclusive, é o principal objetivo do novo diretor, que iniciará estudos no sentido de penetrar nesse segmento, principalmente no setor de bens de consumo.

O secretário-executivo do Conselho de Desenvolvimento Industrial, órgão do MIC, Getúlio Lamartine, entende que é necessário aumentar o saldo comercial, assim como o saldo nas contas internacionais. Isso só será possível, enfatizou, aumentando as exportações. Ele ressaltou que a participação do País no mercado internacional é extremamente pequena, comparada com a dimensão da economia brasileira.

O secretário lembrou que em 1930, o Brasil participava com 2,2% das exportações mundiais, enquanto atualmente a sua parcela não vai além de 1,1%, apesar do crescimento do mer-

cado internacional. O Brasil perdeu espaço, acrescentou Lamartine, sendo preciso recuperá-lo, e o caminho mais rápido para a recuperação é através da venda de produtos manufaturados.

O parque industrial brasileiro é de grande porte, explicou Lamartine, e tem capacidade de transformação na ordem de US\$ 80 bilhões por ano. Outro dado importante, citou, é que a cada dia os produtos brasileiros estão mais competitivos no mercado internacional, o que dá condições de concorrer com os demais países exportadores.

As exportações brasileiras, lembrou Lamartine, representam apenas 8% do Produto Interno Bruto (PIB). É necessário elevar essa proporção para mais de 15%, porque muitos países exportam entre 20% e 40% do seu PIB. Tudo isso, argumentou, significa riqueza, mais emprego e maiores oportunidades para os produtos nacionais.

Lamartine acredita que o Brasil vai conseguir obter o superávit de US\$ 9 bilhões este ano, apesar de considerar uma meta muito elevada. Mas, para se chegar a esse saldo positivo, ele acha imprescindível o aumento das exportações e não a redução das importações. "A medida que reduzimos as importações, corremos o risco de mais do que nunca levarmos a uma desaceleração das nossas atividades, tendo em vista o mercado interno", concluiu Lamartine.

Roberto Lincoln entrou no lugar de Waldemar Moraes, que foi convidado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) para servir em sua representação do Peru.